



Raoni mostra como se maneja...

AGÊNCIA O GLOBO



...a borduna que depois deu de presente ao coronel Nobre da Veiga

CARLOS NAMBÁ

Brasil

O índio mata no Xingu

A Funai transformou um massacre em teatro e o cacique Raoni ameaça com mais mortes

Com voz estridente, o coronel João Carlos Nobre da Veiga, presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), interpelou o cacique Raoni, num encontro a portas fechadas, na quarta-feira, em Brasília, sobre o massacre em que morreram na semana anterior onze trabalhadores da Fazenda São Luís, assassinados pelos Txucarramãe. Antes que Veiga, um paranaense de 58 anos que ainda tateia os usos e costumes indígenas, concluísse a primeira frase, Raoni aparteu: "Presidente, o senhor precisa falar claro e com calma. Com grito, índio não entende nada". Embora desconcertado com a observação, Veiga não baixou o tom de voz. Então o zangado cacique estendeu a mão por baixo da mesa, agarrou sua borduna e o presidente da Funai só não se transformou na mais ilustre vítima dos Txucarramãe graças à pronta intervenção do sertanista Cláudio Villas-Boas, mediador da conversa.

Feitas as pazes, o coronel Veiga re-

solveu oferecer, nas horas seguintes, canhestras demonstrações de que é perfeito o entendimento entre a Funai e seus tutelados. Na mesma quarta-feira, numa pose especial para os fotógrafos convocados à sede da Fundação, Raoni ofereceu sua borduna ao coronel Veiga. Exatos cinco dias antes, bordunas como a do cacique, um pesado bastão de ipê amarelo, haviam desabado sobre os corpos dos doze trabalhadores que desmatavam uma área, nas imediações do rio Xingu, que os Txucarramãe consideraram incorporada a sua reserva. O único sobrevivente, Hélio Ribeiro Soares, mineiro de 34 anos, teve fraturado o braço esquerdo e duramente golpeados os ombros, as costas e a cabeça. Raoni participou pessoalmente do massacre (veja o quadro).

LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA — Desde 1970, quando trinta Mayoruna foram trucidados por posseiros, foi esse o mais grave incidente ocorrido entre brancos e

índios. No cargo há nove meses e, com as da semana anterior, 25 mortes em conflitos do gênero, o coronel Veiga resolveu subscrever, na quinta-feira, a mesma explicação que a política costuma oferecer quando presos morrem em circunstâncias difíceis de explicar. "Foi um lamentável incidente", repete Veiga. Segundo ele, os índios queriam apenas conversar com os trabalhadores mas acabaram empurrados pelo clima de tensão que envolve a região de São José do Xingu, que seus moradores rebatizaram de "São José do Banguê-Banguê" graças ao costume local de resolver pendências a bala.

Ao contrário do que pretende o coronel, a única coisa que não ocorreu foi um incidente, mas o previsível desdobramento de equívocos consumados em 1971, quando um decreto permitiu que a rodovia BR-80 avançasse pelo Parque Nacional do Xingu. "A culpa é do general Jerônimo Bandeira de Mello, ex-presidente da Funai", diz Cláudio

Villas-Boas. "Esse general corrupto não só favoreceu o desvio da estrada para o interior do parque como também expediu 102 certidões atestando que não havia índios em 102 áreas na verdade habitadas por tribos", acusa o sertanista.

De posse dessas certidões, alguns fazendeiros conseguiram escrituras provando que as terras eram suas. "No caso dos Txucarramãe, as terras lhes pertencem há 5 000 anos", diz o antropólogo Darcy Ribeiro. "Tudo isso se explica pela covardia da Funai, que só entende a linguagem da violência."

Armado o cenário do conflito, a Funai resolveu permanecer a prudente distância. Na sexta-feira, em São Paulo, o cacique Raoni confirmou que, há dois meses, os índios comunicaram aos peões do lugar, que matariam quem invadisse o território contestado. Apesar da ameaça, nenhum funcionário da Fundação tentou fazer baixar a temperatura no Xingu.

No fim da semana passada, o coronel Veiga voou teatralmente para a região. Mas, em vez de selar a paz, apenas engordou a coleção de escorregões

acumulados numa semana especialmente desastrada.

DISTÂNCIA CAUTELOSA — Reunido com fazendeiros do lugar, o presidente da Funai anunciou que as fronteiras das terras indígenas seriam alargadas e a área do conflito transformada em reserva florestal. Os fazendeiros não só comunicaram sua discordância ao visitante como também avisaram que não vão respeitar a decisão. Os Txucarramãe, aparentemente favorecidos pela idéia, não puderam discuti-la com Veiga. Eles queriam que o coronel fosse a sua aldeia, mas Veiga resolveu evitar a visita, "para dar-lhes uma lição". Ao regressar a sua base em Brasília, o presidente da Funai deixou para trás uma região em que novos massacres são mera questão de tempo.

"Nenhum outro branco morrerá sem que morram muitos índios", previne o fazendeiro Hélio Russo, paulista, engenheiro agrônomo, há cinco anos na área. "Isso não vai ficar assim", sublinhava na terça-feira Luiz Carlos da Silva Lima, proprietário dos 2 400 hectares da Fazenda São Luís, palco do massacre,

brandindo um documento de posse assinado pelo general Bandeira de Mello. "Índio mata todo branco que entra na sua terra", rebateu, em Brasília, o cacique Raoni, 1,80 metro de altura, 45 anos presumíveis, astro de um filme-documentário sobre sua tribo e chefe incontestado dos 1 000 Txucarramães que vivem no Xingu.

Longe das bordunas e espingardas que se agitam em São José do Banguê-Banguê, parlamentares da oposição viram no massacre a oportunidade de patrocinar outra guerrilha verbal contra o Palácio do Planalto. "O governo protege os fazendeiros", discursou a deputada Lúcia Viveiros (PP-PA). "E os fazendeiros incentivam índios e posseiros a se exterminarem mutuamente." O deputado Modesto da Silveira (PMDB-RJ) endossa e amplia as acusações da colega paraense. "A política do governo é a de facilitação do extermínio", acredita Silveira. "É que, à medida que as terras indígenas se valorizam e vão sendo descobertas riquezas em seu subsolo, elas passam a interessar muito aos fazendeiros e às grandes empresas." O deputado Alceu Collares (PDT-RS) não

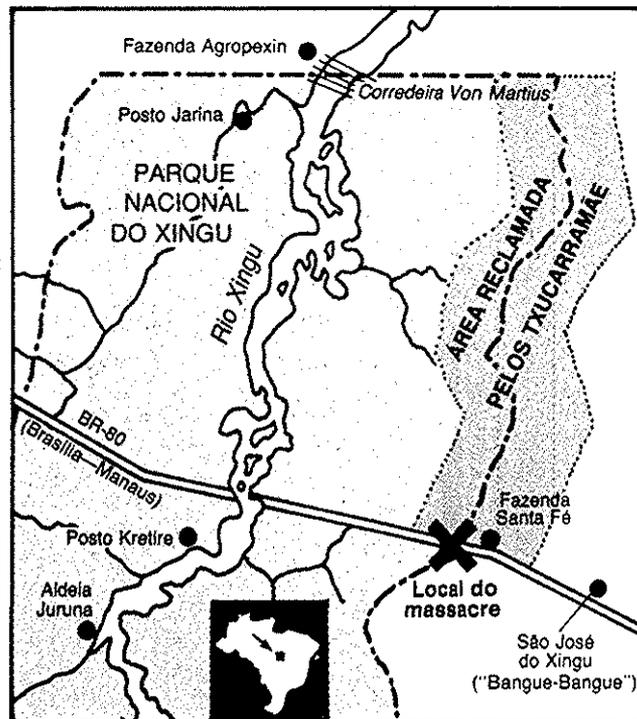
"Matamos um, todos devem morrer"

Com base em depoimentos do peão Hélio Ribeiro Soares, do cacique Raoni e de outros índios do Xingu que participaram do episódio, foi possível reconstituir-se o massacre da Fazenda São Luís:

Na manhã de sexta-feira, dia 8, um grupo de dezessete peões reiniciou os trabalhos de desmatamento de uma área a 30 quilômetros da Vila Patrimônio, considerada pelos indígenas parte integrante do Parque Nacional do Xingu. Alertado pelo barulho das moto-serras, o índio Benedjai, sobrinho de Raoni, comunicou o fato ao cacique que, imediatamente organizou uma expedição de quarenta Txucarramãe, vinte Juruna, dez Kayabi e dez Suya para expulsar os invasores. Surgiu uma discussão entre índios e peões, e um dos Kayabi, irritado por ouvir palavras que julgou ofensivas, golpeou na cabeça, pelas costas, um dos peões. Então, Raoni decidiu que todos os trabalhadores deveriam morrer: "Nós matamos um branco, agora

temos de matar os outros", disse o cacique, com uma lógica peculiar, a seus comandados, liberando-os para o ataque mortal aos doze peões que ainda permaneciam na área.

Corpos pintados com a tinta negra de jenipapo, como costumam fazer sempre que vão à guerra, os índios passaram a desfechar pesados golpes de borduna contra os brancos, matando outros dez em 20 minutos. Só o mineiro Hélio Soares conseguiu escapar ao cerco, correndo para a mata densa apesar de um ferimento profundo na cabeça e da mão esquerda quebrada a bordunadas. Soares caminhou onze horas na escuridão da selva até encontrar a Vila Patrimônio. No dia seguinte, oito moradores da região compareceram



ao local do confronto e sepultaram os corpos das vítimas em covas rasas que a Polícia Federal reabriu nesta sexta-feira.

A exumação dos cadáveres mostrou que os peões tiveram seus corpos destroçados a pauladas.



CARLOS NAMBA

Soares foi o único sobrevivente

parece preocupado com os que morreram e, sim, com os que mataram. “O índio é uma criatura bondosa e pura por natureza”, acha Collares. “Se chegou ao ponto de matar, é porque foi levado ao desespero por uma conjuntura de injustiça.”

EMPREGOS E FACILIDADES — Naturalmente, fundas diferenças culturais separaram brancos de índios e o próprio Código Penal considera o índio inimputável — ou seja, ele não pode ser condenado ainda que cometa crimes que custariam a um branco vários anos de cadeia. E também é verdade que, na longa história dos conflitos em regiões contestadas, os índios têm decididamente levado a pior. Desde 1901, quando incidentes no Maranhão provocaram a morte de quinze pessoas, a Funai já computou 37 conflitos com, pelo menos, 257 vítimas fatais. Destas, 202 eram índios.

Esse quadro seria muito menos sombrio se a Funai, em vez de distribuir empregos entre amadores e facilidades para improvisados indigenistas em visita às selvas, tratasse de elaborar a política indigenista que sempre faltou ao país. Para começar, a Fundação precisa assinalar com clareza as fronteiras que separam as terras dos índios das fazendas dos brancos e, depois disso, assegurar o direito à posse de seus proprietários.

Acima de qualquer lance teatral da Funai está um fato elementar: na Ama-

zônia, e não só no Xingu, há diversas localidades em que tanto índios quanto brancos, valendo-se do que dizem ser as leis brancas, consideraram-se donos das mesmas terras e, portanto, um dos dois grupos terá que desistir. Ao longo dos anos, os índios foram obrigados a recuar. Agora, ameaçam matar mais brancos, a menos que a União lhes reconheça os direitos sobre as terras e contenda os aventureiros que começam a lançar às fronteiras da morte uma espécie de brasileiros que necessita de proteção semelhante à que se dá aos índios: os miseráveis peões da Amazônia que trabalham pelo sustento.

Hélio Soares, o sobrevivente do massacre, foi ao Xingu exclusivamente em busca de trabalho. No dia do ataque, ele e seus companheiros saíram para a selva com a mesma tranqüilidade com que, em Montes Claros, onde nasceu, Soares partia para a roça de feijão. Na quarta-feira, hospitalizado em Brasília, o susto na mata ainda o impedia de descrever o que ocorreu: “Eu nem sabia que tinha índio ali”, explica o peão. ●